

## EDUCAÇÃO INFORMAL, PRÁTICAS EDUCATIVAS E PROSTITUIÇÃO

### INFORMAL EDUCATION, EDUCATIONAL PRACTICES AND PROSTITUTION

Camila Saraiva de Matos<sup>1</sup> - UFC  
José Gerardo Vasconcelos<sup>2</sup> - UFC  
Tânia Gorayeb Sucupira<sup>3</sup> - UFC

#### RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa etnográfica desenvolvida em espaço não escolar - uma casa de prostituição localizada no Centro de Fortaleza, Ceará, cujo recinto de prostituição alerta para a compreensão desses ambientes não somente como espaços orgiásticos, mas como espaços que também contemplam intervenções sociais, culturais e educativas. A relevância da pesquisa consiste em debater a respeito de práticas educativas informais de aprendizagens, na perspectiva do aprender fazendo ao desenvolver a atividade prostituinte em Fortaleza. Os dados foram obtidos por meio das observações no lócus da pesquisa e consequentemente das descrições densas do campo de investigação através de entrevistas abertas realizadas entre os anos de 2010 e 2015, com uma prostituta intitulada Dandara. O propósito foi o de evidenciar as interlocuções com Dandara, a subjetividade de uma mulher prostituta, bem como as produções de saberes acumulados de forma empírica e interativa, apresentando para além da vida de libertinagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prostituição; Sexualidade; Práticas educativas.

#### ABSTRACT

This article is the result of an ethnographic research developed in non-school space - a prostitution house located in Fortaleza downtown, State of Ceará, and whose prostitution enclosure warns for understanding these places not only as orgiastic spaces, but as spaces that also contemplate social, cultural and educational interventions. The relevance of this research consists to discuss about informal educational practices of learning from the perspective of learning by doing, when developing the prostitute activity in Fortaleza. The data were acquired by means of observations on the research locus and consequently by dense descriptions of the research field through open interviews, conducted between 2010 and 2015, with a prostitute named Dandara. The purpose was to highlight the dialogues with Dandara, the subjectivity of a prostitute woman, as well as the knowledge productions accumulated empirically and interactively, presenting apart from licentiousness life.

**KEYWORDS:** Prostitution; Sexuality; Educational practices.

DOI: 10.21920/recei7202061695110  
<http://dx.doi.org/10.21920/recei7202061695110>

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [camilasaraiva28@hotmail.com](mailto:camilasaraiva28@hotmail.com) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6281-7679>

<sup>2</sup>Professor titular da UFC. Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e em História da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: [gerardovasconcelos1964@gmail.com](mailto:gerardovasconcelos1964@gmail.com) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0559-2642>

<sup>3</sup>Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [thianasucupira@yahoo.com](mailto:thianasucupira@yahoo.com) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8087-7651>

## INTRODUÇÃO

Este estudo é resultado de uma pesquisa etnográfica realizada em um bordel localizado no Centro da cidade de Fortaleza, Ceará (CE), entre os anos de 2010 e 2015. Por meio da análise etnográfica, descortinamos o prostíbulo a fim de apresentar e problematizar as práticas sociais, sexuais, culturais e educativas que são desenvolvidas no referido espaço. No tocante a esse ambiente, Rago (2008, p. 211) destaca: “No bordel, buscava-se não apenas a transgressão dos comportamentos moralmente sancionados, mas os excessos, as fugas, os êxtases, os prazeres da orgia”.

Logo conjecturamos que, para o pesquisador acadêmico, o bordel é um ambiente desafiador. Ao trabalhar com a temática da prostituição, foi-nos exigido um olhar mais apurado que se dilatasse a um novo modo de se observar o que acontece ao redor. Percepções que inquietam e escapam às coisas imediatistas, que se deslocam de forma latente e nos permitem a construção de experiências vigentes e transformadoras. Foucault (1985, p. 13) descreve como:

É a curiosidade – em todo caso – a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível o descaminho daqueles que conhece? E existem momentos na vida onde a questão de saber se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e refletir.

Sendo assim, ampliamos as nossas reflexões para além dos conceitos estereotipados e cristalizados que apontam os espaços e a prática da prostituição apenas por um prisma orgiástico. Ao mergulharmos na rotina do cabaré, buscamos também apresentar e compreender as subjetividades de uma mulher prostituta, bem como as produções de saberes acumulados de forma empírica, mostrando que, para além da vida de libertinagem, são múltiplas as facetas que rodeiam o universo de uma profissional do sexo.

O método etnográfico nos possibilitou uma aproximação mais estreita com a realidade a qual nos propomos a estudar e compreender, e isso colaborou para identificarmos as práticas culturais e educativas que são desenvolvidas na casa de prostituição. Mas não podemos esquecer que os registros etnográficos são filtrados e incorporados aos registros mnemônicos e iconográficos. Entretanto, tem-se certeza que a filtragem do material coletado inscreve a pesquisa em águas que se renovam na própria via cotidiana, pois na etnografia é: “[...] frequentemente imensa a distância entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador através de suas próprias observações, das asserções dos nativos, do caleidoscópio da vida tribal” (MALINOWSKI, 1984, p. 19). Visitar o bordel regularmente tornou-se necessário, a fim de acompanhar o cotidiano da zona do meretrício e, assim, realizar a coleta de dados que compôs o diário de campo, peça de suma importância. Nesse sentido Geertz (2011, p. 7) pontua:

[...] A etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele

tem que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar os informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar linhas de propriedade, fazer o senso doméstico... escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de eclipse, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não como os sinais convencionais, mas como exemplos transitórios de comportamento modelado.

Compreendemos que, ao desvelar o campo de pesquisa, é necessário um exercício de ressignificações e reflexões para que as informações colhidas no lócus de investigação se transformem em dados. Revelar o campo implica dois momentos. No primeiro, o pesquisador aponta as informações através do ver e do ouvir. Sobre essa temática, Oliveira (2000, p. 21) assevera:

Evidentemente tanto o ouvir como o olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambas completam-se e servem para o pesquisador como duas muletas – que não nos percamos com essa metáfora tão negativa – que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçadamente, na estrada do conhecimento.

Os atos de observar, ouvir e registrar perpassam pelo método etnográfico, além de serem úteis para analisar o ambiente pesquisado e fazer anotações no livro de registro, sendo o ato de ouvir de suma importância para os indivíduos que circundam o lócus de pesquisa, tendo em vista que a propensão de escutar o outro não é tarefa óbvia, mas implica um intenso exercício de aprendizado. Diante disso, o ato de ouvir torna-se peculiar. É um ouvir que evidencia o que o interlocutor tem a dizer, e não o que nos é comum ou agradável. Logo, constrói-se uma gama dialógica entre o pesquisador e o interlocutor, formando os dados para o encaminhamento da pesquisa.

Nesse sentido, o processo discursivo assume papel relevante no desenvolvimento de toda pesquisa, tornando-se necessário trabalhar com a narrativa de uma dada prostituta, tendo em vista que a narrativa permite compreender o sujeito não apenas por uma perspectiva contínua, mas propondo descobertas acerca da sua complexa história de vida, considerando as possíveis rupturas que cercam a sua existência, assim como revela Thompson (1992, p. 137): “[...] a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, [...] contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira”. Destacamos que, ao se trabalhar com narrativas, alguns aspectos devem ser levados em consideração, como o fato de que o sujeito, ao relatar acontecimentos vividos por ele, muitas vezes, até os reconstrói, ressignificando-os e apresentando uma nova interpretação. Portanto, a narrativa não é uma verdade pontual, no sentido de que o informante, quando restabelece suas ideias para o relato, pode reconstituir experiências, apresentando uma nova compreensão, uma nova interpretação e um novo sentido.

Partindo da perspectiva supracitada, recorreremos ao aparato teórico disposto por Ferraroti (2014, p. 73-74), quando diz:

Cada narração de um ato ou de uma vida é por sua vez um ato, a totalização sintética de experiências vividas e de uma interação social. Uma narrativa

biográfica é inteiramente distinta de uma ocorrência; é uma ação social através da qual um indivíduo retotaliza sinteticamente sua vida (a biografia) e a interação social em curso (a entrevista) por meio de uma narrativa - interação. A narrativa biográfica conta uma vida? Diremos mais precisamente que ela conta uma interação presente por meio de uma vida. Não existe mais verdade biográfica numa narrativa oral e espontânea do que num diário, numa autobiografia e em certas memórias. Só alcançaremos essa verdade biográfica se levarmos em conta a verdade relacional que informa a narrativa. A leitura sociológica de uma biografia caminha mediante uma hermenêutica da ação social que reinventa a biografia, narrando-a no âmbito de uma interação que o observador não se deve esquivar, mas viver até o fim.

As narrativas sobressaem em forma de entrevistas intermediadas por um gravador digital, responsável por armazenar os dados coletados, que posteriormente serão analisados a partir das transcrições das entrevistas. A técnica da transcrição permite ao pesquisador reconstruir a fala dos informantes, reagrupando as entrevistas com destaques que se fixam nas lembranças dos próprios narradores: recortar a entrevista e reagrupar as partes mais importantes destacando a aura temática. Em outras palavras, ocorre uma classificação interna das entrevistas, na qual se filtram as falas, deslocando o discurso da oralidade para documentos recriados e, nesse caso, entre em cena a subjetividade do pesquisador, pois esse, ao ouvir e transcrever as narrativas, também as ressignifica.

Em vista disso, pontuamos que, ao trabalhar com a temática da prostituição, não podemos negar as conjunturas de violências, de abusos, de exploração sexual que permeiam esse universo. No entanto, faz-se necessário ouvirmos o que as prostitutas têm a nos dizer em relação às suas escolhas, às suas histórias, à forma como percebem as questões de gênero, à maneira com que lidam com seu corpo e sua sexualidade. Assim, as interlocuções dispostas por uma dada prostituta, intitulada de Dandara Aragão<sup>4</sup>, revelam os saberes informais e os aspectos socioculturais de vivência em prostíbulo acumulados nos anos de trabalho na prostituição.

### **RESSIGNIFICANDO O BORDEL: as práticas educativas informais e a atividade da prostituição**

Um dos fatores substanciais desta pesquisa são práticas educativas desenvolvidas pelas prostitutas nos territórios de prazer. Assim sendo, o estudo se reporta à abordagem de práticas informais de educação. No entanto, o que é educação? Será que a educação ocorre apenas nos espaços escolares? O que caracteriza a educação informal? Para responder a essas inquietações, buscamos suporte nas ideias dispostas em Brandão (2007, p. 7), quando diz:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender -e- ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

A prática educativa é ação que ocorre em nível social e universal, propõe Brandão (2007), indispensável à existência em sociedade. No bordel, aprendizados são compartilhados entre as prostitutas, que juntas aprendem, em especial com aquelas mais experientes, a recepcionar e seduzir clientes, dançar e cuidar do corpo. As trocas de saberes acontecem em

<sup>4</sup> Nome fictício que adotamos com vistas a preservar a identidade da entrevistada.

conversas informais, vivências diárias e observações. O conhecimento empírico no processo dessa cultura faz do prostíbulo um espaço produtor de saberes.

Libâneo (2004, p. 81) destaca que: “Em sentido amplo, a educação compreende o conjunto dos processos formativos que ocorrem no meio social, sejam eles intencionais ou não intencionais, sistematizados ou não, institucionalizados ou não”. Desse modo, a modalidade da educação informal frisa as múltiplas possibilidades educativas que envolvem a trajetória de vida dos indivíduos, acentuando o caráter não intencional, haja vista que os processos de obtenção de saberes ocorrem de forma espontânea.

As práticas informais de educação não se detêm a fatores intencionais, uma vez que sua ocorrência se dá de forma autônoma, sem acentuações lineares e sistematizadas, podendo-se estabelecer através das situações e conversas corriqueiras. Libâneo (2004, p. 23) ressalta: “A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações com o indivíduo”.

Para Brandão (2007, p. 32): “O espaço educacional não é escolar. Ele é o lugar da vida e do trabalho: a casa, o templo, a oficina, o barco, o mato, o quintal. Espaço que apenas reúne pessoas e tipos de atividade e onde o fazer faz o saber”. Dessa maneira, percebemos a educação informal como o processo constante de obtenção de saberes, competências, habilidades e potencialidades que se localizam também em âmbito institucional. Logo, o ato educacional informal atenta para o conhecimento empírico, destacando a escuta, a apreciação e a realização de atividades.

A ação de educar e aprender se estabelece sem limitações físicas, sociais, culturais ou institucionais. Sobre isso, Libâneo (2004, p. 91) assevera:

O caráter não intencional e não institucionalizado da educação informal não diminui a importância dos influxos do meio humano e do meio ambiente na conformação de hábitos, capacidades e faculdades de pensar e agir do homem. A ênfase que muitos educadores têm dado a essa modalidade de educação tem contribuído especialmente para a compreensão da totalidade dos processos educativos, para além da dualidade docente-discente. Com efeito, a educação informal perpassa as modalidades de educação formal e não formal. O contexto da vida social, política, econômica e cultural, os espaços de convivência social na família, nas escolas, nas fábricas, na rua e na variedade de organizações e instituições sociais, formam um ambiente que produz efeitos educativos, embora não se constituam mediante atos conscientemente intencionais, não se realizem em instâncias claramente institucionalizadas, nem sejam dirigidos por sujeitos determináveis.

O enfoque da educação informal possibilita a observação de práticas educativas que transcendem os espaços formais institucionalizados, evidenciando os processos de aprendizagem que escapam aos formalismos embutidos nos discursos pedagógicos. Quanto a isso, Libâneo (2004, p. 102) pontua: “o que está acontecendo, portanto, é um alargamento do conceito de educação informal, envolvendo práticas conduzidas por conversão, em torno de oportunidades e situações do cotidiano, visando explorar e alargar a experiência das pessoas e podendo ocorrer em qualquer lugar”.

Em vista disso, buscamos perceber a casa de prostituição como um espaço que vai além do aspecto promíscuo, pois o bordel, juntamente com a profissional do sexo, o cliente e o dono do estabelecimento, também produz e ressignifica saberes e possíveis práticas educativas.

As experiências educativas englobam o aprendizado sobre a sexualidade, sobre os

métodos contraceptivos, sobre os cuidados com o corpo, que incluem tanto a parte ginecológica como a parte estética, e sobre a técnica da dança. Nesse caso, as prostitutas mais experientes ensinam as garotas que estão ingressando na profissão do sexo a cuidarem de seu corpo, principal ferramenta de trabalho.

As formas de sociabilização e conversas cotidianas também correspondem aos processos educacionais, nesse caso, a marca é a experiência: experiência de vida das garotas de programa, experiência de vida dos clientes e de todos que circundam o território do prazer, pactuando com o pensamento exposto em Rago (2008, p. 196), ao asseverar: “No interior desse campo de significações é impossível apreender as múltiplas funções desempenhadas pelo submundo da prostituição, assim como a diversidade das práticas sociais aí vivenciadas”.

Nesse sentido, é imprescindível descrever como ocorrem tais ações educativas. Por exemplo, os cuidados e precauções com o corpo que fazem parte da rotina da profissional do sexo. Em entrevista, Dandara fez a seguinte afirmação:

Em meados dos anos 2000, a gente começa a ter mais intimidade com a camisinha feminina. Ela começou a aparecer nos prostíbulo de uma maneira bem tímida. Foi uma colega de profissão que me apresentou a camisinha feminina. Ela tomou conhecimento da camisinha feminina depois de participar de uma palestra com profissionais da área da saúde no posto em que ela fazia prevenção. Então, ela recebeu umas camisinhas femininas, levou para o cabaré e compartilhou comigo e outras meninas. Aí eu comecei a me familiarizar com a tal da camisinha feminina, até porque ela é um excelente aliado para a prática do sexo durante a menstruação, porque ela tem uma espécie de anel que se fixa dentro da vagina, ali perto do colo do útero, e isso ajuda a deter o fluxo, então é ótimo para usar naqueles dias em que estamos no vermelho. Ela também pode ser colocada horas antes da relação. No entanto, não é tão barata comparada ao preservativo masculino; muitas vezes não tem disponível nos postos de saúde. Então, diante dessa burocracia toda, ela é pouco usada nos cabarés, creio que não só no cabaré, mas eu acredito que muitas mulheres desconhecem ou nunca sequer usaram a camisinha feminina. Eu acredito que, se eu não tivesse passado pelo cabaré, eu nem saberia que existe camisinha feminina, qual a forma correta de colocar; isso tudo é um processo, um processo de superação, de quebra de muitos tabus. É preciso uma tomada de consciência em relação às diversas formas de nos cuidarmos, e isso vai da pílula ao uso de preservativo. Nesse sentido, eu acredito que a passagem pelo cabaré, pela prostituição, me ajudou a cuidar do meu corpo. Eu posso dizer que foi no cabaré que eu tive uma educação sexual.

Para Dandara, o mundo da prostituição proporciona a construção de múltiplos saberes. Ela retrata o cabaré como um espaço que permite vivenciar e compartilhar uma gama de aprendizados sobre sexualidade, sobre métodos contraceptivos e sobre prevenção e tratamento de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). É no espaço da prostituição que ela toma consciência dos cuidados que deve ter com o seu corpo e a importância do uso do preservativo. Dandara explicou que, antes de entrar para o mundo da prostituição, não conhecia os métodos contraceptivos, visto que tal assunto não era debatido em seu seio familiar e representava um tabu:

Eu não sabia o que era anticoncepcional nem como funcionava, mesmo

porque, no meu espaço familiar, esse assunto não era discutido, era um tabu. Então, uma amiga que já era da noite me levou para assistir a uma palestra com agentes de saúde em um posto que ficava perto da casa dela. Foi através dessa palestra que fui entender a importância dos métodos contraceptivos, a importância da camisinha. Eu marquei uma consulta com o ginecologista do posto em que fui assistir à entrevista. Foi por meio dessa entrevista e em conversas com as meninas que já estavam na noite há mais tempo que eu comecei a me cuidar, a tomar a pílula, aprendi a evitar uma gravidez indesejada. Esses ensinamentos são repassados entre as garotas no cabaré.

A prostituta demonstrou possuir uma preocupação diante da eventualidade de contrair alguma DST. Para tanto, ela havia desenvolvido algumas estratégias além do uso da camisinha que colaboravam para a sua segurança. Nessa perspectiva, Priscilla<sup>5</sup> destacou um truque que havia aprendido com Dandara:

Quando eu vou para o quarto com o cliente, eu procuro desenvolver algumas 'brincadeiras', né: eu peço para tocar o pênis como uma forma de carinho. Eu vou passando a mão como se estivesse fazendo um mimo, tudo de forma bem discreta. Então, eu vou passando a mão nas partes íntimas do cara antes de iniciar o ato sexual. Essa estratégia quem me ensinou foi a Dandara. Ela disse que dessa forma podemos perceber se o cara tem alguma ferida, essas coisas. Diante da nossa profissão, esses ensinamentos são bem importantes, ajuda a nos proteger, e isso é repassado entre as meninas através de conversas coloquiais no momento em que estamos no camarim trocando de roupa ou quando estamos aguardando os clientes, enfim: são coisas que só se aprende no cabaré.

Outro aspecto que compõe a cultura do bordel é a prática da dança, em especial o *pole dance*<sup>6</sup>, aliado ao *striptease*. Logo, como as prostitutas desenvolvem suas apresentações? Como aprendem a dançar no território do prazer? Para um melhor esclarecimento dessas indagações, contamos com a ajuda de Dandara, uma das precursoras do *pole dance* em Fortaleza, sendo, dentro do bordel, uma referência para as prostitutas que buscam aprender essa arte. Ela nos explicou como havia aprendido a dançar:

Fui a São Paulo em 2001 e aprendi a técnica do *pole dance*. Lá a maioria das meninas já sabia dançar. Lá é diferente, pois as meninas são profissionais de *striptease*, profissionais de dança erótica. Elas têm empresários e são consideradas uma espécie de miniestrelas. A casa paga um cachê altíssimo para essas meninas, e elas ficam na casa apenas o tempo suficiente para acontecer o *show* delas; é como se elas fossem uma atração especial da casa. Aqui as meninas ficam soltas, né, na casa, o cliente é quem paga pelo *show*; o valor é muito pouco. No entanto, as meninas que têm interesse em aprender

<sup>5</sup> Priscilla era uma jovem de 27 anos que atuava no Gata Garota em junho de 2011. A conversa com a moça ocorreu de forma informal durante as visitas realizadas ao referido prostíbulo. O diálogo foi intermediado por Dandara, que, à época, estava ensinando Priscilla a dançar *pole dance*.

<sup>6</sup> O *pole dance* é uma dança que reúne elementos da ginástica olímpica e movimentos livres; no caso, a bailarina se enrosca em uma barra vertical de aço inox a fim de desenvolver movimentos sensuais. É uma dança que requer postura, alongamento, equilíbrio mental e corporal, força física, concentração e determinação para o aprendizado.

a dançar o *pole dance* procuram uma garota que domina essa técnica, essa arte. Então, eu pratico o *pole dance* há 14 anos. As meninas me procuram: ‘Dandara, você pode me dar umas aulas de *pole dance* para eu dar uma incrementada no meu *show*?’. Aí eu agendo o horário, o local. Em relação ao espaço, tanto pode ser o próprio cabaré, que já tem o palco e o mastro, ou pode ser um galpão de um amigo meu, que tem toda a estrutura para executar a dança. E, assim, não são só as meninas que atuam no cabaré que me procuram para ter aula de *pole dance*, não. Muitas mulheres casadas, que estão a fim de dar um *up* no casamento, chegam aqui na boate me procurando. E o engraçado é que hoje em Fortaleza muitas academias oferecem aulas de *pole dance*, mas as senhoras casadas preferem ter aula comigo. Elas dizem que não é só aprender a dançar, mas é aprender a ser desinibida, a ser *sexy*, ou seja, elas me procuram para trabalhar essa parte do erotismo, explorar a sensualidade sem ser vulgar. Essas habilidades eu aprendi na minha profissão, na noite, no bordel, e hoje eu repasso esses ensinamentos. (DANDARA).

As narrativas de Dandara chamam a atenção pelo interesse de suas colegas de trabalho em aprender a arte da dança no cano com o intuito de aperfeiçoar a técnica da sedução para o melhor desempenho profissional, bem como pelo interesse das mulheres casadas que acorrem ao bordel com o propósito de aprender tal técnica em busca de saberes mundanos úteis para movimentar a vida sexual com seus maridos.

Seguindo esse enfoque, depreendemos o referido estudo como um campo que engloba: saberes, vivências e produções de sentidos arquitetados pelos indivíduos que compõem o cenário do prazer, em que se entrelaça a azáfama da vida e do imaginário.

## UMA NOITE NO BORDEL

O campo de investigação fica localizado no centro comercial da cidade de Fortaleza-CE, mais precisamente na Avenida Imperador, entre as ruas Pedro Pereira e Pedro I. Destinado ao sexo venal e com um nome bem sugestivo, Gata Garota, o prostíbulo atrai olhares e atenção de quem circula pela avenida. Exteriorizando não diretamente uma casa de prostituição, mas uma boate diferenciada, cuja principal atração é o *show* de *pole dance*, vulgarmente conhecido como dança no cano, o espaço denota uma boate de *strip girl*, sendo apontado como o cabaré de “luxo” do Centro de Fortaleza-CE.

Uma placa luminosa posicionada na parte superior do estabelecimento destaca o nome da casa. Chegando ao local, o cliente é recepcionado por um segurança formalmente vestido de preto e com cara de poucos amigos, que solicita a apresentação de documento de identificação, pois é proibida a entrada de pessoas menores de idade. Após passar pelo segurança, a entrada no recinto é liberada e o caminho segue por um estreito corredor encoberto por uma cortina vermelha de TNT, cujo traçado retilíneo leva diretamente ao salão, no qual se avista um misto de luzes díspares.

Além das luzes, outro fator que torna esse ambiente peculiar é o aroma. O cheiro do álcool, um quê agridoce do perfume das deusas da noite, acrescido do eflúvio do sexo, espalha-se pelo pátio, que, misturado ao sabor do profano, permeia a memória afetiva de quem circula pelo lócus. A casa dos sexos ilícitos provoca uma mistura sensorial que remete a uma *overdose* de prazer e de vida. O salão é cuidadosamente decorado com ilustrações que embriagam o olhar e aguçam o desejo sexual. Como num teatro, o cabaré é arquitetado a fim de promover

efeitos de excitação erótica.

À esquerda, um cubículo comporta o bar, uma cozinha e o posto de caixa. Mais à frente, no palco com dois metros de diâmetro, está o mastro, que deve ter, em média, dois metros de altura. Em frente ao palco, em um minúsculo espaço denominado camarim, as dançarinas profissionais do sexo se preparam com trajes insinuantes: um figurino criado pela própria dançarina ou uma fantasia temática, adquirida em algum sex shop do Centro da cidade. Sobre o camarim se faz presente uma cabine de som comandada por um *disc jockey* (DJ), espécie de discotecário responsável pela trilha sonora que embala as noites no bordel. Ao fundo do salão, uma luz vermelha evidencia o corredor de acesso aos quartos.

Os dois banheiros, um feminino e outro masculino, encontram-se ao lado e, no entorno do salão, são dispostas mesas e cadeiras. Os becos que se formam entre as mesas são dominados pelo sabor feminino, que se utiliza de roupas sensuais para realçar corpos e curvas sinuosas. Nesse espaço, podem circular homens e mulheres livremente, pois a casa não cobra pela entrada, apenas pelo que o cliente consome, seja a bebida, o tira-gosto, o *show* de *striptease* ou até mesmo o programa sexual.

O *show* de *striptease* pode ser contratado por um valor de 40 reais. Funciona da seguinte maneira: o cliente chama a menina até a sua mesa e combina previamente o espetáculo. A garota se desloca até o camarim para vestir o figurino da apresentação, que conta com fantasias bem sensuais, que podem ser de tigresa, colegial, enfermeira ou simplesmente um minúsculo *short* e um *top* que comportem a bunda e os seios fartos das dançarinas. Toda essa montagem tem por intuito avivar a imaginação masculina. O tempo de exibição gira em torno de duas músicas, escolhidas pela própria dançarina. Na primeira música, a garota dança no palco; já na segunda, ela dança no colo do investidor do espetáculo. O *show* é embalado pelo ritmo *pop* de cantoras como: Madonna, Beyoncé, Rihanna, etc. No entanto, algumas meninas optam por um estilo musical mais romântico, por exemplo, a música “*Always*”, da banda Bon Jovi.

A sessão inicia: a garota caminha em direção ao tablado. Feixes de luzes coloridas acompanham o bailado dos seus quadris até o palco. Eis que surge, em meio ao cenário escuro, uma mulher com uma fantasia de oncinha, que inclui: microvestido, calcinha fio dental e gargantilha. Um *flash* se move em sua direção realçando as suas formas, que parecem não caber na vestimenta.

Observamos que muitas dessas mulheres não sabem dançar, não acompanham o ritmo da música, como se o palco estivesse “incendiando” e elas loucas para saírem dali. As luzes coloridas ajudam a disfarçar as imperfeições da pele, as rugas, as celulites, as estrias, os cabelos desarrumados, que seriam facilmente identificados. Mas os homens – os clientes – não observam isso, o olhar deles é panorâmico e inebriado; não são esses detalhes que eles procuram. E o que eles procuram então? Vasconcelos (2008, p. 134-135) responde a essa pergunta nos seguintes termos: “A força dos movimentos de uma dançarina – isso inclui as dançarinas nos territórios de prazer – objetiva, dentre outras coisas, convencer os múltiplos olhares dos espectadores da eterna existência do prazer”.

A garota retira delicadamente peça por peça do seu figurino, desfazendo a ilusão do seu personagem, que desaba de sua forma original, mostrando toda a nudez de seu corpo. Resta apenas uma minúscula calcinha, amarrada dos dois lados com laços que são facilmente desfeitos. A calcinha – já desamarrada – é puxada de um lado para o outro, passando entre o ânus e a vulva totalmente raspados. Sobre isso, Vasconcelos (2008, p. 130) frisa: “Uma vulva que assiste aos mundos de olhares de desejo e emoção”. De súbito, ocorre um *blackout*, e a bailarina desce do palco, serpenteia pela plateia, deslocando-se entre as mesas. Uma nova música inicia e, dessa vez, em ritmo mais potente, ocupando insanamente os ouvidos de quem

circula pelo lócus. Sob os olhares atentos de todos, ela desenvolve novo bailado, agora direcionado ao contratante do *show*.

O clímax da apresentação ocorre quando o freguês deixa de ser mero espectador e passa a atuar na cena. Em meio ao jogo de sedução, a garota cola o seu corpo ao do cliente, que passeia as mãos pela sua volúpia corporal, e isso inclui: “apalpar as nádegas”, “acariciar os seios” e “chupar a genitália”. Enquanto os rapazes manifestam um estado de exultação ao explorar o corpo das prostitutas, o mesmo sentimento não ocorre com as moças, pois apresentam um semblante letárgico quando são tocadas. Atuam de forma mecânica, não se envolvendo nem partilhando do entusiasmo dos fregueses.

No tocante a esse assunto, Rago (2008, p. 211) destaca: “Não importa a medida do prazer que era atingido no encontro dos corpos prostituídos”. Nesse sentido, os devaneios e excitações que movem os indivíduos ao sentirem a corpulência das profissionais do sexo sobressaem em relação à libido delas.

Destacamos que a casa de prostituição dispõe de um regimento<sup>7</sup> que não permite que o cliente puxe o cabelo das meninas ou dê tapas em seu bumbum quando elas dançam em seu colo. A penetração também não faz parte do espetáculo. Para realizar o intercuro sexual<sup>8</sup>, é necessário desembolsar uma quantia em torno de 100 reais e se dirigir ao quarto que a casa comporta.

Para ter acesso à alcova, o cliente escolhe uma suíte, de acordo com a iluminação interna dos quartos disponíveis (luz clara, vermelha, negra, etc.). O pagamento do quarto é feito no ato da solicitação, por um valor de 20 reais, quando o cliente recebe a chave do recinto, juntamente com dois preservativos.

As dançarinas profissionais do sexo manifestam certa insatisfação em relação ao espaço destinado para os momentos calorosos de amor e sexo. Elas assim se posicionaram a respeito: “O ambiente é muito pequeno, sem conforto algum, com estrutura física precária; as paredes apresentam rachaduras, luxo zero”. O tal quarto é um pequeno cômodo com aproximadamente 3 m<sup>2</sup>, constituído por uma cama de alvenaria colada à parede fria, a qual preenche quase todo o lugar, deixando um estreito corredor delimitado por uma parede na qual se vê uma grande rachadura. Entre a cama e o corredor, há um diminuto banheiro, exalando um cheiro forte de pinho que invade as narinas e penetra todo o ambiente.

Em meio ao cenário decadente que compõe o quarto, a prostituta reinventa-se, redescobre-se e prossegue com um novo movimento, como uma réplica do gingado apresentado momentos antes ao público sedento de prazer. Contudo, a alcova pode representar mais do que um espaço para aliviar as tensões sexuais. Há clientes que encontram sua válvula de escape no território do prazer, a fim de romper com o tédio e extravasar suas angústias, como dito em Rago (2008, p. 210): “O mundo da prostituição atendia, portanto, a várias necessidades”. Para o melhor entendimento das questões supracitadas, recorreremos à fala de Dandara:

<sup>7</sup> O conjunto de normas e condutas visa assegurar a integridade física das dançarinas profissionais do sexo, entre outras coisas, por exemplo: caso ocorra conflito, seja de cunho verbal ou físico, entre as artistas do sexo, essas receberão advertências e punições, o que pode levar a suspensões que variam de um ou mais dias, dependendo da gravidade do ocorrido.

<sup>8</sup> No Gata Garota, o programa custa 80 reais, no entanto 20 reais se destinam ao aluguel do quarto. Segundo o relato das profissionais do sexo que atuam no recinto, o valor do programa e do *show* de *striptease* é integralmente delas. A casa lucra com o aluguel dos quartos e com a venda de bebidas. As meninas também ressaltaram que, de fato, não eram funcionárias da casa, pois apenas atuavam no espaço (prostíbulo).

Eu atendo a inúmeros clientes, e cada um tem a sua particularidade. Tem cliente atencioso e carinhoso que traz presente, que trata super bem, que é cheiroso. Há outros que não têm noções mínimas de higiene, que demoram tanto para gozar que chega a ser torturante. Mas têm outros que gozam rápido até demais, esses são os melhores [risos]. Tem outros que pagam o programa, mas não acontece nada, apenas uma conversa, um desabafo, um pedido de conselho. Eu tenho um cliente que está passando por um momento muito delicado, está se divorciando. Toda quinta-feira ele vem aqui conversar comigo. Vamos para o quarto, mas nunca rolou nada. Ele conversa comigo, pede conselhos, desabafa e chora. Ele disse que eu sou a psicóloga dele, a única que tem paciência de escutá-lo. Tem clientes de todos os tipos. Às vezes, rolava do cliente trazer um ‘pozinho’ e tal. Uma vez ou outra, eu dava uma ‘tecada’. Então, são várias pessoas, com vários tipos de comportamentos, pensamentos e maneiras de ser.

Para Dandara, o quarto do prostíbulo representa diversos ambientes. O espaço destinado à libertinagem a encontra interpretando um personagem *sui generis* que atende aos desejos e quimeras mais íntimas e secretas do cliente, as fantasias que ele deseja realizar em colóquios carregados de alacridade e delírio.

Todavia, o quarto também pode personificar um “consultório”, ou um teatro, cuja cama transforma-se em divã, e a profissional deixa aflorar outra faceta, assumindo o papel de ouvinte, de interlocutora, de amiga e de conselheira, quiçá de uma “psicóloga”. Isto é, ao procurar a companhia de uma garota de programa, nem sempre o cliente espera atender a interesses de caráter sexual. Para muitos homens, a companhia da prostituta contempla seus desejos de ser admirado pela virilidade, pela capacidade de conquistas amorosas.

A prostituta se manifesta com uma dada disponibilidade de representação. Seja no palco, na execução da dança, no quarto, nos momentos de entusiasmo amoroso, ela encena a figura que o cliente requisita, por quem ele paga, sabendo decifrar os seus desejos. À vista disso, Sousa (1998, p. 139) salienta:

A representação que cada indivíduo tem sobre a prostituição depende, na maioria das vezes, das próprias fantasias sobre como se pensa e se define a prostituição. Da mesma forma, cada prostituta pensa e exerce a prostituição de acordo com os seus ‘fantasmas’, ou seja, ela sabe quais são as regras do jogo, como cada uma deve agir.

A garota de programa trabalha com a pluralidade e, ao mesmo tempo, com a singularidade dos indivíduos que procuram os seus serviços. A cada noite, ela se depara com diversos tipos de clientes e nunca sabe ao certo o que pode acontecer. Diante disso, Rago (2008, p. 263) assinala:

Relações tensas e multifacetadas estabeleciam-se entre fregueses e prostitutas, incluindo desde os momentos em que estas odiavam aqueles, desejando que o ato sexual acabasse rapidamente, até as que se sentiam como meras profissionais executando seu trabalho, ou ainda as que desejavam gozar e fixar a freguesia.

Em uma intensa rotina de trabalho e produtividade, o corpo é solicitado e exaurido. A profissional do sexo condiciona-se, molda-se com vistas a atender às exigências do lócus no

qual se encontra. Dessa forma, a prostituta passa a ser um corpo produtivo, mecanizado, instrumentalizado, que trabalha, que representa, que se cala aos caprichos e vontades dos clientes, abatendo-se de total subjetividade, apresentando-se, então, como um corpo dócil, na concepção foucaultiana: “[...] ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 1997, p. 132).

Partindo dessa abordagem, a garota de programa representa para o cliente um dispositivo produtor de prazer. No tocante a esse assunto, Rago (2008, p. 260) destaca: “[...] não interessa nessa relação a pessoa da prostituta, suas ideias, apreensões, desejos, mas sua performance, que foi comprada e deve ser satisfeita”.

A prostituta transfigura-se na imagem que os olhares extasiados de desejo incidem sobre o seu corpo. A garota adapta e constrói suas atitudes com base nos gestos, posturas, fetiches e anseios de seus clientes. Nesse sentido, a pécora desempenha o seu papel: que é dar prazer, ser prazer e um campo de sensualidade. Entretanto, como descreve Rago (2008, p. 221): “[...] a prostituta uniformiza os homens, porque todos lhe são substituíveis”. Logo, revelou Dandara: “Então, se o cliente viesse com carinho, eu dizia: ‘Meu filho, vamos terminar logo nosso serviço, que gosto é de foder’. Eu procurava agir no automático, não dava tempo para a racionalização. Vou, transei e tchau. Não queria me envolver”.

A prostituta não tem emoções? Não é um corpo que ri, chora, pulsa, deseja, sofre e goza? As representações simbólicas estereotipadas que permeiam a figura da garota de programa são reforçadas, muitas vezes, pela falta de informação e pelo julgamento distorcido criado em torno da imagem negativa dessa profissão. Para tanto, essas indagações podem ser mais bem compreendidas através da narrativa expressa por Bruna Surfistinha (2005, p. 30):

Uma coisa que todo mundo sempre pergunta é se consigo ter prazer com meus clientes. Claro que sim. Por mais profissional que seja, se rola química, afinidade e tesão, não vou aproveitar? Afinal, brincar em serviço é o meu serviço. Sou paga para realizar as fantasias dos outros (por mais que eu tenha as minhas, guardo para mim). [...] Não sou uma máquina. Percebo que vai acontecer algo legal quando o cliente está realmente a fim de me dar prazer. Se é isso o que ele está querendo, por que não dar a ele? Ou, ao menos, me esforçar.

Contudo, a relação entre o freguês e a prostituta não representa necessariamente uma relação previsível, como acentuou Dandara:

O mundo da prostituição é assim, as boates têm várias portas; tem caso de menina que arruma cliente que se torna o marido dela, e essa relação dá certo, e ela nunca mais pisa lá. Têm meninas que, até mesmo por problemas psicológicos, acabam se viciando em algum tipo de droga; elas perdem o controle, então tudo isso depende muito. Eu mesma tive na minha depressão o uso de drogas.

O panorama da prostituição é cercado de clichês que apontam essa atividade como uma das mais antigas profissões do mundo ou ainda como um subemprego, uma simples necessidade de sobrevivência, na qual as mulheres que se prostituem são estigmatizadas por não possuírem recursos financeiros ou formação técnico-profissional para se recolocarem no mercado de trabalho. Essa definição de prostituição descreve a imagem da prostituta como um ser vitimizado pelas circunstâncias sociais e econômicas. Desse modo, a prostituição incide em

uma permuta consciente de favores marcada pelo desinteresse afetivo e sentimental, na qual se troca sexo por dinheiro.

Outro aspecto utilizado para definir a prostituição diz respeito a cingir a figura da profissional do sexo, expondo-a como uma mulher permissiva, despudorada e livre para o sexo. Dominando a “arte da sedução”, ela, ao receber uma dada remuneração, deverá fazer o que o cliente solicitar. *A priori*, pelo fato de ser uma prostituta e, em seguida, por haver um pagamento. Diante do exposto, Sulz e Cardoso (2019, p. 346) pontuam:

[...] a prostituição é uma instituição tão antiga e sólida quanto o matrimônio. Considerando que os prostíbulos são frequentados majoritariamente por homens ‘pais de família’, a sociedade patriarcal reforça e naturaliza a relação do homem capaz de pagar por sexo. A heteronormatividade da masculinidade hegemônica produziria uma identidade em que a movimentação de homens em busca de sexo pago poderia ser compreendida como ‘natural’, algo pertencente às normas sociais dos homens. Paradoxalmente, esse mesmo tipo de masculinidade representaria as trabalhadoras sexuais como mulheres que prestam um determinado tipo de serviço tido como inferior em uma escala social de ocupações. Em última análise, seria como se a prostituição só existisse por conta delas, e não porque há quem as procure.

Mas o que se deve entender pelo ato ou exercício da prostituição? Que diferença existe – como pergunta Pais (2008, p. 37) – “[...] entre relações sexuais baseadas na prostituição e as relações sexuais convencionais?”. É evidente, segundo o autor, que essas diferenças não podem ser restritas ao comércio de valores nem ao sentimento de indiferença emocional que a prostituta poderia manifestar no ato sexual. Ou, como perguntaria Foucault (1985, p. 14): “Por que o comportamento sexual, as atividades e os prazeres a ele relacionados são objetos de uma preocupação moral?”. A resposta apresentada por Foucault (1985) está diretamente relacionada ao cuidado ético, que nem sempre se relaciona com os sistemas de interdição. Restaria, então, perguntar o motivo pelo qual a atividade sexual foi constituída como campo moral e, nesse caso, qual o lugar da prostituição nesse escorregadio território de prazer. Para Sade (2003, p. 36-37), as prostitutas:

São felizes e respeitáveis criaturas que a opinião difama, mas a volúpia coroa; e quem, bem mais necessária à sociedade do que as recatadas, têm a coragem de sacrificar, para servi-la, a consideração que esta sociedade ousa lhes tirar injustamente. Vivam as que se sentem honradas com este título.

Ou, como diria Nietzsche (1976, p. 47) no *Crepúsculo dos ídolos*, “Somos necessários, somos um fragmento do destino, formamos parte do todo; não há nada que possa julgar, medir, comparar e condenar nossa existência, pois isso equivaleria a julgar, medir, comparar e condenar o todo”. O que temos, na realidade, é o deslocamento de sentido que se pode imputar pelas páginas calorosas do marquês libertino e a transvaloração de todos os valores, golpeada pelo martelo nietzscheano. Sentidos da vida corrompidos pelos difusos e desconexos modelos saturados em detrimento do análogo ponto de desequilíbrio gerado pelo cuidado de si e reagrupado na ação do ser humano em constante devir, clamando pelo sagrado direito de sentir prazer, desejar, gozar ou amar com os bichos.

Constitui-se, nesse território de prazer, uma evidente disputa de códigos normativos. Um projeto de sexualidade que envolva as prostitutas seria aceitável se economicamente útil e

axiologicamente desejável ao projeto societário em vigor. Encobertas por sempre novos percalços de civilidade e aglomeradas em torno de referências ou sentidos para os seus algozes ou partícipes, as prostitutas seguem em consonância com seus prazeres cotidianos, no limiar da vida, derrapando no lapso de temporalidade em detrimento das “respeitáveis” donzelas e “senhoras do lar”. Adler (1991, p. 30) acrescentaria ainda: “O que elas têm a mais que nós? Têm muito mais que vocês, respondem os homens. Têm a beleza picante, a arte da réplica perfeita, o olhar perturbador, o sentido da despesa, o gosto pela noite, a carne palpitante, o riso fácil, a ciência do abandono”.

A possibilidade de imprimir sentido aos novos lugares recheados de preceitos morais pode incorporar movimentações tênues de produções axiológicas ao solapar gestos e posicionamentos discursivos para acelerar aquilo que se espera da conduta humana. Daí a possibilidade que se tem de inferir subjetivamente as constituições espaciais, podendo transformar os múltiplos sentidos de um território em sempre novos sentidos axiológicos, incluindo as volúpias da carne. Isso possibilita um movimento de (des)territorialidade imanente às condutas e ações esperadas pela sociedade em territórios de prazer.

É fácil entender que qualquer possibilidade de comparação ou interpenetrabilidade de espaços tradicionais e marginais pode levar a crer na prostituição como uma fuga da realidade, como se pudéssemos construir um mundo à parte formado pela mácula do excesso e desmesura. O problema é que a prostituição não compõe um mundo separado do mundo vivido. Ela faz parte da organização das cidades e da organização da cultura urbana e, acima de tudo, deve gozar de respeito e de reconhecimento de todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a complexa cultura da prostituição, compreendemos, de forma mais específica, a multiplicidade que engloba o universo dos homens e mulheres que partilham do enigmático e fascinante mundo dos prazeres ilícitos. O território do prazer é espaço do dinamismo que tanto permite a perda do pudor quanto permite a construção de diversas práticas educativas que fogem aos discursos tradicionalistas e aos formalismos pedagógicos, cuja marca é a experiência: experiência de vida das garotas de programa, experiência de vida dos clientes e de todos que circundam o território do prazer. O que também percebemos diz respeito aos elementos que moldam o cenário da prostituição, tendo em vista que compreende além do desejo carnal, da sensualidade, da música, da dança.

No entanto, o âmago deste estudo não se pauta apenas em observações, mas em um processo de escuta e de oralidade, entrando em cena as protagonistas que formam o campo de pesquisa, dentre as quais se destaca Dandara Aragão. As narrativas gentilmente cedidas por ela permitem um entendimento mais apurado acerca dos processos que englobam a prostituição, permitindo conhecer, de fato, a rotina de uma garota de programa.

O cabaré, na verdade, representa um grande palco, cuja principal atração é a vida das profissionais do sexo que ocupam aquele espaço. A prostituta é um personagem encoberto por uma máscara que se utiliza, muitas vezes, de jogos de sedução teatralizados para desenvolver o seu trabalho, que é dar prazer, ser prazer, em um campo de sensualidade. Contudo, o que se esconde por detrás dessa máscara é uma mulher; uma mulher com seus anseios, com seus medos, com seus desejos; uma mulher que ri, que chora, que é mãe; uma mulher que está na labuta para conseguir o pão de cada dia ou, quem sabe, que está à procura de um amor.

## REFERÊNCIAS

- ADLER, L. **A vida cotidiana: os bordéis franceses - 1830/1930**. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1991.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- FERRAROTI, F. **História e história de vida**. Tradução: Carlos Eduardo Galvão, Maria da Conceição Passegi. Natal: UFRN, 2014.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril, 1984.
- NIETZSCHE, F. W. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Hemus, 1976.
- OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. Brasília, DF: Paralelo 15, 2000.
- PAIS, J. M. **A prostituição e a Lisboa boémia**. Porto: Ambar, 2008.
- RAGO, M. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 - 1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- SADE, D. A. F. **A filosofia na alcova ou os preceptores imorais**. Tradução, posfácio e notas: Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- SCARINGI, V. C. **Deusa das noites: personagens (des)veladas**. 2011. 68 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.
- SOUSA, I. **O cliente: o outro lado da prostituição**. São Paulo: Annablume, 1998.
- SULZ, J. A.; CARDOSO, F. A. Putafeminismo: um caminho pelo direito de todas as mulheres. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 172, p. 344-348, 2019.
- SURFISTINHA, B. **O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa**. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores, 2005.
- THOMPSON, P. **A voz do passado**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VASCONCELOS, J. G. **A dança do conceito ou o conceito da dança: paixão, embriaguez e**

desmesura no território do prazer. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, v. 1, n. 55, p. 128-137, 2008.

**Submetido em:** agosto de 2019

**Aprovado em:** dezembro de 2020